



## Dramaturgia e Mediação Dramaturgia y Mediación Dramaturgy and Mediation

Fernanda Del Monte<sup>1</sup>

<https://orcid.org/0000-0003-1623-332X>

Tradução: Narciso Telles<sup>2</sup>

<https://orcid.org/0000-0002-7016-7805>

### Resumo

Neste artigo, Fernanda del Monte aprofunda a perspectiva proposta pelo pesquisador José A. Sanchez da dramaturgia como campo de mediação entre as várias linguagens e gramáticas. A autora faz um passeio pela literatura conceitual da abertura do texto clássico dramático a suas possibilidades de alargamento e expansão de seu território de enunciação, o espaço teatral e a escritura como textualidade e sua transmediação contemporânea em ambientes digitais.

**Palavras-Chaves:** dramaturgia; mediação; digitalidade

### Resumen

En este artículo Fernanda del Monte profundiza en la perspectiva propuesta por el investigador José A. Sánchez de la dramaturgia como un campo de mediación entre varios lenguajes y gramáticas, en la que la autora hace un recorrido por la literatura conceptual de la apertura del texto clásico dramático a la posibilidad de expandir su territorio de enunciación, el espacio teatral, la escritura como textualidad y su transmediación contemporánea en ambientes digitales.

**Palabras claves:** dramaturgia; mediación; digitalidad

### Abstract

In this article Fernanda del Monte delves into the perspective proposed by researcher José A. Sánchez of dramaturgy as a field of mediation between various languages and grammars, in which the author takes a tour of the conceptual literature of the opening of the classic text dramatic to the possibility of expanding its territory of enunciation, the theatrical space, writing as textuality and its contemporary transmediation in digital environments.

**Keywords:** dramaturgy; meditation; digitality

---

<sup>1</sup> Escritora, dramaturga e docente. Doutora em Teoría Crítica por 17, Instituto de Estudios Críticos (México), Mestre em Dramaturgia pela Universidad Nacional de las Artes (Argentina). Possui pesquisas nos campos da escritura, da performatividade e da digitalidade. Entre seus últimos projetos podemos destacar: [www.mishumores.com](http://www.mishumores.com); (in)quietud, experimento virtual e Un cuerpo devastado, texto dramático encenado por Carlos Virgen, Teatro la Capilla (México) 2023-2024.

<sup>2</sup> Teatreiro, ator e diretor. É professor do Curso de Teatro, do PPGAC, PROF.ARTES e PPGED na Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Pesquisador do CNPq e do GEAC/UFU. Diretor Artístico do Núcleo 2 Coletivo de Teatro -Uberlândia-MG (@nucleo\_2).

Neste artigo busco aprofundar a noção de dramaturgia como mediação, e transferi-la conceitualmente para a noção de mediação digital como possibilidade de uma cena performativa que se expande para esferas digitais.

A isto se soma à conceituação de corpo e às possibilidades de criação dramaturgica no contexto digital, partindo da relação entre o corpo como prótese, extensão e sua possibilidade de habitar e criar um lugar onde espaços e tempos se expandem na digitalidade por meio de diferentes materialidades e através de dramaturgias maquinais assumindo múltiplas formas de mediação.

Uma mediação que ocorre ao mesmo tempo em que se cria essa máquina virtual construída de ações, de corpos interligados, de um conjunto de elementos que permite um distanciamento do real, uma noção ampliada de representação, de escrita performativa, de ficção e de performatividade estética.

Para aprofundar os elementos e os termos aqui expostos, gostaria de tomar de empréstimo a frase do filósofo e pesquisador, Siegfried Zielinski sobre a posição do pensamento experimental para compreender a mídia hoje. O autor escreve: *“no buscar lo viejo, lo ya existente desde siempre, en lo nuevo, sino descubrir cosas nuevas, sorprendentes, en lo viejo.”* (2011, p. 04).

Se concebermos o teatro como um espaço de mediação, um espaço que aciona narrativas sensíveis, representações e possibilidades de interpretação da realidade, no contexto do avanço digital, muitas das cenas, experimentos e narrativas apresentadas nas plataformas digitais, partem de experiências e princípios da máquina teatral e a interação dos corpos na cena e deslocando-as, contemporaneamente, para novas mediações em ambientes virtuais.

Assim, ao considerarmos a noção de máquina teatral como possibilidade de criação de mecanismos materiais de criação ficcional, podemos pensar em como essa noção pode transitar para criação de máquinas virtuais como experiências imersivas em Realidade Virtual.

Desta forma, quando a dramaturgia é projetada para pensar ambientes tecnológicos e corpos ampliados em representações, imagens e ações na digitalidade, é importante compreender que sua forma e estrutura precisa ser revisitada a partir da noção de meio, e assim reinterpretar as estruturas que hoje aparecem como novas, e que em realidade são deslocamentos de ferramentas de criação tão antigas quanto a noção de personagem dramática e de espaço ficcional.

As práticas transmídia e digitais que hoje nos convidam a interagir com artefatos que se apresentam como peças, jogos, narrativas visuais e interativas, espaços virtuais ou mistos e outros tipos de formatos são claramente estruturadas a partir de uma dramaturgia interativa complexa que coloca os

corpos em deslocamentos digitais, avatares, imagens, perfis, jogadores para apresentá-los a mundos, representações e espaços onde se entrelaçam mediações que permitem seu deslocamento rumo à criação poética, sensorial e narrativa de corpos (ampliados) em ação e interação.

Estas criações são instauradas no âmbito da ecologia midiática, onde as práticas performativas e teatrais já poderiam ser localizadas na cartografia das mediações digitais nas quais encontramos processos transmídias que contêm procedimentos já estruturados de intermedialização, hipermedialização e processos de remediação.

Há alguns anos vem se desenvolvendo o conceito de dramaturgia midiática onde, como propõe Eckersall (2017), a partir do surgimento da cena intermediária e transmedial nas artes cênicas, é possível pensar em uma dramaturgia que agregue novas linguagens estéticas, da imagem, som, performance para combinar mecanismos midiáticos que configurem novos signos e possibilidades estéticas para a cena teatral e performativa.

O trabalho realizado em dramaturgia midiática busca dar conta de uma nova possibilidade de dramaturgia que se apresente no atual contexto das mediações culturais:

*“A grandes rasgos lo que vemos es que hay evidencia de lo que teóricos como Mark Hansen, Anna Munster y Donna Haraway han reconocido que lo que ocurre en los campos de la actividad simbólica, es más una forma de rematerialización mediada que una desmaterialización, donde las sensaciones corporales y las experiencias sensibles están ahora distribuidas a través de medios técnicos más que disminuidas o desempatizadas.” (Ibidem. p. 2)<sup>3</sup>*

A importância de pensar uma nova dramaturgia que se estabeleça a partir das mediações, da relação entre o teatro e sua materialidade, é fundamental para compreender por que a reconceitualização do corpo e sua expressão no espaço teatral, cênico e performativo pode ser útil para uma nova vinculação da palavra e da escrita como expressão desse corpo expandido e dos lugares onde este se configura em relação ao campo digital e físico, já que atualmente muitas narrativas estão entrelaçadas de forma inter e transmídia.

---

<sup>3</sup>In broad terms we see that there is evidence of what theorists such as Mark Hansen, Anna Munster and Donna Haraway have recognised as a form of mediated rematerialisation rather than a dematerialisation occurring in these fields of symbolic activity, in which bodily sensations and sense experiences are now redistributed through technical means rather than diminished or de-emphasised. (tradução da autora)

A escrita tornou-se complexa em seu desdobramento e, portanto, a criação dramaturgica e a noção de máquina tomam formas e formatos para um espaço de possíveis fissuras e aberturas. Nesse sentido, não é possível, como apontam os autores, continuar concebendo a criação dramaturgica fora do campo da mediação, dadas as circunstâncias técnicas e tecnológicas que já estão construindo física e virtualmente significados e novos espaços nas artes digitais, cênicas e performáticas.

Para continuar a aprofundar esta relação, gostaria de abordar a concepção de Zielinski sobre a natureza das mediações. Segundo o autor, as mediações

*“se pueden encontrar entre la técnica y sus usuarios, en distintos lugares y tiempos. En el medio, procesan, modelan, estandarizan, simbolizan, transforman, estructuran, amplían, combinan y vinculan mediante signos, que a su vez son accesibles a la percepción sensible: números, imágenes, textos, sonidos, puestas en escena, coreografías.”* (2017, p.47)

Estas mediações estão sustentadas, poderíamos dizer, por estruturas abstratas possibilitadas por diferentes arranjos, entre estes, as dramaturgias que levam especificamente em conta as diferentes linguagens geradas por outros meios, que atravessam campos estéticos e experiências situadas no contexto da pós-digitalidade ligadas ao espaço físico teatral ou cênico e sua relação com a criação audiovisual, a codificação ao vivo, as experiências imersivas, as dramaturgias expandidas, entre outros; mas também criações que hibridizam a virtualidade à realidade mista e aumentada com a presença física dos corpos.

Se fizermos este exercício de ir à tradição para encontrar o novo, podemos afirmar que a representação teatral em seu pacto sógnico já estava vinculada há várias linguagens para poder gerar uma realidade específica onde a principal característica da mediação é criar um evento extracotidiano onde atores e atrizes atuam de forma expressiva para incorporar uma dimensão que poderíamos colocar num “como se”: isto é, fora da nossa percepção cotidiana da realidade.

Na prática da encenação podemos constatar que diferentes linguagens, tradicionalmente, já eram utilizadas para gerar uma máquina de representação teatral, e do mesmo modo, como as dramaturgias em ambientes digitais, são elementos são combinados e tecidos entre materialidades diversas, hoje abertas e interativas, criando rastros, vínculos, lugares constituídos através do que chamamos *dramaturgias maquinais*.

Para Zielinski, “*los medios son espacios de acción para construir ensayos al servicio de la combinación de lo separado.*” (2017, p.10). A ligação entre mediação e dramaturgia é verificada na relação entre a criação do signo e o formato específico em que esse signo é transmitido. A dramaturgia seria então o processo de composição e pensamento que nos permite localizar formas e formatos onde os corpos utilizam diferentes linguagens para a criação de signos, materiais e durações expressivas em determinados espaços-tempo.

A novidade, podemos dizer, é a possibilidade de produzir dramaturgias em relação a uma nova concepção de corpo, de tempo e de espaço onde aquela obra é executada. Portanto, essas dramaturgias mudam a forma e o formato da mediação, embora os princípios de composição e representação possam ser, de alguma maneira, vinculados às origens do drama e da encenação.

A emergente necessidade de construção de dramaturgias midiáticas diante do contexto digital é o que possibilita pensar formas singulares de criação de escritas críticas que não busquem a transparência, mas sim a conjunção: ou seja, *dramaturgias maquinais*.

Para melhor compreensão da mediação no campo da digitalidade em relação ao corpo presente e a transferência desse corpo no tempo e no espaço, devemos entender a mediação como ação abstrata de ensaiar/programar a combinação de signos para os futuros usuários/espectadores.

Para Hans Thies Lehmann, o teatro sempre uniu técnica e tecnologia, ambas foram e são um meio, uma forma específica de representação. O autor indica que, sempre,

*“el teatro ha consistido en un conjunto de aparatos que simulaba la realidad con la ayuda de la técnica, no solo de los actores; de ahí que el teatro absorbiera inmediatamente todas las nuevas tecnologías que van desde la creación de perspectivas hasta el uso de Internet.”* (2013, p. 394)

Se o teatro, hoje, utiliza as tecnologias emergentes para criar sua ‘nova’ máquina representacional, podemos então trabalhar a mediação como exercício estético de criação de *dramaturgias maquinais* que consiste em criar novas mediações que geram diferentes nuances de uma experiência e, ao mesmo tempo, posiciona o usuário a partir de um lugar de hibridização, fora do encontro físico e a partir da interação digital.

Essa reconfiguração tem sido um processo vivido pela linguagem teatral e cênica nas últimas décadas. Para Ileana Diéguez,

*“Durante el siglo XX y fundamentalmente bajo el impulso de las vanguardias y la*

*radical propuesta de Artaud la teatralidad comenzó a variar su arquitectura y lenguaje: con menos peso en el discurso verbal, desestructuración de la fábula, cambios radicales en la noción psicologista del personaje, ruptura con el principio de mimesis y con el realismo decimonónico, y una acentuada preponderancia de lo corporal y lo vivencial. Esta situación, hacia la segunda mitad del siglo XX, vivió un acelerado proceso de radicalización, haciendo de la escena teatral contemporánea un espacio más híbrido a partir de una mayor presencia de las artes visuales, los multimedia y las acciones performativas.” (2011, p. 22)*

Ou seja: os mecanismos e tecnologias de mediação foram se abrindo e se hibridizando para passar do teatro da representação para o chamado teatro da *presentação (ou performativo)*, no qual a comunicação gerada pela tradicional maquinaria teatral é aberta para mostrar o artifício de sua execução, a partir da experimentação e do trabalho sobre o corpo, a poética tornou-se mais performativa do que representacional e o artifício passou a estar mais ligado à ação dos corpos no espaço do que aos mecanismos de criação de ilusões e mimesis.

Poderíamos também localizar a noção de distanciamento diegético na obra de Bertolt Brecht, Tadeusz Kantor ou Eugenio Barba que trabalharam uma poética que rompe com a centralidade do texto dramático na cena, para abri-la às linguagens desterritorializadas e nas quais o corpo e suas possibilidades expressivas tensionam com a escrita dramática que busca uma relação histórica de coerência e verossimilhança.

Nessas teatralidades veremos surgir a noção de dramaturgia, não mais em relação ao texto dramático, mas como uma composição da cena em que o significado do que é atuado e percebido não está mais apenas na linguagem literária trazida ao palco, mas na construção do sentido da encenação como tal. A cena teatral torna-se campo de jogo de sentidos e, portanto, mudam as possibilidades de composição teatral.

Eugenio Barba, figura fundamental na transformação da cena teatral da década de oitenta do século XX, concebe a dramaturgia desta forma:

*“En realidad, cada escena, cada secuencia, cada fragmento del espectáculo posee una dramaturgia propia. La dramaturgia es una manera de pensar. Es una técnica que nos permite organizar los materiales para poder construir, develar y entrelazar relaciones. Es el proceso que nos permite transformar un conjunto de fragmentos en un único organismo en el cual los diferentes trozos no se pueden ya distinguir como objetos o*

*individuos separados.*” (1986, p. 20)

Se para Barba era evidente que ao não trabalhar com um texto anterior as possibilidades apresentadas pela dramaturgia da encenação e da atuação tornaram-se a principal ferramenta de construção do sentido poético, no final do século XX e início do XXI e o surgimento de novas tecnologias, as possibilidades intermediáticas e transmídias na criação cênica e performativa configuram o que Hans Thies Lehmann chamou de teatro pós-dramático, o que também teve impacto na materialidade, tanto na forma concreta da escrita dramática quanto na construção cênica. Este processo abriu-se para um espectador mais ativo, ou seja, com mais agenciamento ao participar da experiência cênica como espectador e não apenas como “leitor”.<sup>4</sup>

Para o pesquisador e dramaturgo italiano Davide Carnevali, os textos teatrais já constroem, no final do século XX, jogos de informação completa (ou impossível de completar): já não são mais obras completas de sentido para os espectadores, mas sim que é “*a imaginación lo que le sirve al receptor para organizar datos y disfrutar del juego de interpretaciones. El autor no le está diciendo al receptor: ‘ésta es la historia’, ni ‘estos son los fragmentos de la historia que hay que reconstruir’; sino que será el receptor, en su libre interpretación quien determine sus propias reglas*”. (2017, p. 224)

Se a dramaturgia é uma forma de pensar, no século XXI esta forma de pensar já se situa mais nas regras de sua recepção do que nas regras da peça “completa”. Se o pós-modernismo modificou a importância da literatura dramática na cena, o momento contemporâneo altera a função de espectador para participante e/ou jogador. Já não existe apenas uma peça enquanto tal, mas sim um jogo de composição onde encontramos fábulas que propõem novas narrativas de construção dramática, artefatos pensados para o jogador, mas também novas estruturas fabulares que possibilitam a articulação de uma nova imaginação poética e simbólica. que abrem, como afirma Carnevali, à outras perspectivas de construção de sentido através da performatividade; isto é, a mediação ocorre entre agenciamentos de quem mostra e dos que recebem ‘já não mais de forma “passiva”.

Na mesma linha de análise, Sara Grochala em seu livro *The new political play* propõe um novo olhar político para a escrita dramática:

*“donde a través de las estructuras dramáticas líquidas estas obras enfrentan la pregunta sobre cómo tener agencia dentro de una sociedad hecha de cambios sociales*

---

<sup>4</sup> A transformação da noção de público em participante decorrente da virada digital contemporânea também influenciou transformações das estruturas dramáticas.

*constantes y ofrecen caminos para re-pensar cómo actuar, planear acciones, calcular expectativas de ganancias y pérdidas de dichas acciones, y para evaluar sus resultados bajo condiciones de incertidumbre endémica.” (2017, p. 17) <sup>5</sup>*

A mediação decorrente destas maquinações apresenta-se como a intermediação de diferentes níveis de relacionamento e linguagens, assim como uma relação medial performática entre espectadores, criadores, materiais, histórias que são experienciadas e não apenas recebidas. Surgem, portanto, novas concepções do que seria dramaturgicamente que assumem novas formas de intermediações, bem como estruturas abertas à recriação por quem executa aquela determinada peça; isto é, dramaturgias que geram acontecimentos artísticos em vez de obras fechadas.

A noção de artefato se vincula diretamente com a ideia de obra aberta desenvolvida em nossa tese<sup>6</sup>. A dramaturgia concebida como mediação e situada no campo da digitalidade produz artefatos, estruturas de jogos performativos, mais que escrituras autônomas percebidas a partir da noção de objeto-sujeito.

José A. Sánchez destaca que:

*“al hablar de dramaturgia y no de texto podemos pensar en un espacio intermedio entre los tres factores que componen el fenómeno escénico: el teatro, la actuación y el drama. El teatro es el lugar del espectador (espacio social o de representación); la actuación («performance»), el lugar de los actores (espacio expresivo o de dinamización); el drama es el lugar de la acción, codificable o no en un texto (espacio formal o de construcción). Y podríamos entonces descubrir cómo en distintas épocas y en diferentes contextos, desde cada uno de esos lugares se ha sometido a crítica y transformación a los otros. Podríamos entender también que la dramaturgia ocupa un lugar entre esos tres factores, o más bien ningún lugar. Es un espacio de mediación.” (2011, p. 19)*

Se nos posicionarmos em relação à proposição de Sanchez, a noção de dramaturgia se situa como

---

<sup>5</sup>Through their liquid dramaturgical structures, these plays tackle the question of how to have agency within a society made up of ever-shifting social structures, offering ways of rethinking how “to act, to plan actions to calculate the expected gains and losses of the actions and to evaluate their outcomes under the conditions of endemic uncertainty (tradução da autora)

<sup>6</sup>Cf. MARTÍNEZ, Fernanda del Monte. Dramaturgia maquina. Artefato para la creación de experiencias digitales desde la noción expandida de cuerpo. Tese (Doutorado em Teoria Crítica) - 17, Instituto de Estudios Críticos, Cidade do México, 2023.

uma formulação abstrata de ligações entre elementos distintos, sendo também uma ação mediadora que, no caso da dramaturgia maquinal, permitiria uma ligação e distanciamento performativo, onde o maquinário não busca criar ilusão, mas, como os textos chamados por Grochala de dramaturgias líquidas, espaços abertamente articulados, com regras e códigos, palavras e imagens que permitem ao espectador definir melhor o que e como fazer com a proposição dramática ali em jogo.

Para o pesquisador Peter Eckersall (2017), a *New Media Dramaturgy* é uma nova forma de analisar a mediação performativa, por meio de um procedimento que entende que o corpo/tecnologia, juntamente com as ações performativas, amplifica, em vez de negar, as funções corporais e afetivas da experiência digital.

Isso quer dizer que no contexto da virada digital, a dramaturgia como mediação, como intermediação, hipermediação, remediação, transmediação (para citar algumas das possibilidades midiáticas) possibilita um tipo de pensamento crítico ampliado, que gera pontes entre linguagens para deslocar a vida cotidiana para um *lugar* da vida extracotidiana, onde o tempo e o espaço se situam mais no futuro do que num espaço-tempo delimitado.

Neste ponto é importante diferenciar a construção maquínica ou mecânica dada pelas tecnologias digitais e a produção de dramaturgias maquinais.

Para argumentar a diferenciação, tomo as palavras de Eckersall sobre a nova dramaturgia midiática:

*“Más allá es un “nuevo” que busca su límite político -uno que empuja los límites de la forma y la función dentro del espacio artístico en orden de probar, curvar y extender el territorio de lo posible, y al mismo tiempo experimentar, cuestionar y considerar el estado de las cosas: relaciones, conexiones, redes y estructuras.”*(2017, p. 42)<sup>7</sup>

O campo artístico, em princípio, procurará sempre ultrapassar os limites do ponto de vista político. Assim como as dramaturgias líquidas apontadas por Sarah Grochala, a nova dramaturgia midiática busca formas e formatos diferenciados da maquinaria criada pelos empórios tecnológicos. Nessa perspectiva, quero acrescentar aqui às dramaturgias maquinais, como estruturas midiáticas que

---

<sup>7</sup>Furthermore it is a ‘new’ that seeks its political edge – one that pushes the limits of form and function within the artistic space in order to test, bend and extend the realm of the possible, and at the same time to probe, question and consider the state of things: relationships, connections, networks, and structures. (tradução da autora)

flutuam e estruturam possibilidades estéticas e performáticas na criação de espacialidades, nas quais os corpos feitos de palavra, imagem e som se unem para se vincularem a partir de lugares críticos e ativos.

Essa dinâmica performativa dos dispositivos está ligada ao pensamento dos autores Martina Leeker, Imanuel Schipper e Timon Beyes, quando argumentam que “*los nuevos objetos, ahora computadoras, oscurecen sus funciones como nodos e intersecciones de operaciones y mecanismos tecnológicos, donde el intercambio de datos tomados de la agencia humana es transformada en su propia lógica.*” (2017, p. 29)<sup>8</sup>

Neste mesmo sentido, Bifo Berardi argumenta que em termos da diferenciação entre conexão e conjunção; e é por isso que conceitualmente as dramaturgias maquinais são deslocadas para os limites e suportes midiáticos na sua experimentação e diferenciação daquela outra performatividade que gera lógica, mecanização e transparência (aqui os autores falam de obscurecimento, que de meu ponto de vista é o mesmo conceito, mas a partir da negatividade do conceito de transparência).

As mediações: intermediáticas, hipermediais e corretivas através das quais as dramaturgias maquinais são expressas e executadas poderiam ser localizadas dentro desta ecologia ao lado da dramaturgia midiática crítica, das constelações performativas, dos tecnoativismos e dos projetos à deriva que tentam quebrar dispositivos maquínicos.

Por isso, gostaria de ampliar certas características dessas mediações para continuar especificando, num nível menos conceitual e mais no âmbito formal, as mediações de que fazem uso as dramaturgias maquinais, a partir da compressão, já mencionada, da reconceitualização da noção de dramaturgia como mediação entre o espaço de representação e a estética performativa, os corpos em conexão, a criação de signos e a estrutura que sustenta o referido artefato, neste caso em relação às novas tecnologias e a ecologia digital.

As dramaturgias maquinais opõem-se, em termos de criação digital, às perspectivas que tentam tornar o meio transparente. Segundo, David Jay Bolter e Richard Grusin:

*“La realidad virtual, las imágenes tridimensionales, y el diseño de interfaces gráficas, buscan todos ellos hacer que la tecnología digital sea “transparente”. En ese sentido, la interfaz debe ser de tal modo que se borre a sí misma, de modo que el usuario pierda la consciencia de estar usando un medio, y en su lugar se halle directamente frente al*

---

<sup>8</sup>The new objects, now computers, obscure their function as nodes and intersections of technological operations and grids, where they exchange data taken from human agency and transform them in their own logic. (tradução da autora)

*contenido de ese medio.*” (2011, p. 30)

Assim, as dramaturgias maquinais diante de interfaces e experiências digitais que tentam conectar e tornar transparente a mediação, o que produzem são artefatos que buscam, como a hipermediação tem procurado em contraste com o apagamento do meio, fazer aparecer.

Talvez em termos estéticos, esse fazer aparecer esteja ligado ao espaço crítico das máquinas de quebrar, gerando lugares de reflexão e contemplação dos artifícios que também nos obrigam a focar em outras mediações; isto é, nas mecanizações, na performatividade da digitalidade que tenta gerar a ilusão de estar “presente”.

Se situarmos essas práticas no campo fronteiro entre a cena teatral e a digital, poderíamos dizer que, em sua hibridização, as dramaturgias maquinais podem construir novas mediações, estruturas e máquinas abstratas que se posicionam como dissidentes, contra-hegemônicas e, portanto, politicamente tensionadas, mas que esta mediação não é alheia ao contexto dramático histórico.

Se concebermos a encenação como uma peça transmídia, poderemos então compreender que as mediações produzidas pela dramaturgia contemporânea, a partir da noção de teatro pós-dramático, abrem as possibilidades de mediação em termos dos formatos possíveis de continuar a gerar camadas de mediação, onde poderia dizer em geral, a linguagem é usada de forma hipermediada audiovisual, sonoro e hoje digital em cena. Autores como Urs Meyer situam as novas mediações da seguinte forma:

*“El hecho de que la mediación tome lugar como función artística no está solo ligado a la revolución de los medios masivos al final del siglo diecinueve, sino que también es resultado de un proceso auto-reflexivo consciente del uso de la mediación. Y esto comienza a aparecer en la producción literaria desde la década de los setenta y hacia adelante y resulta más evidente en los ochenta y noventa del siglo pasado —un desarrollo que correlaciona la progresiva hibridación de la cultura, caracterizada a través de la penetrabilidad medial más que la diferencia entre medios.”* (2013, p. 28)<sup>9</sup>

A análise da mediação de obras artísticas em diferentes campos estéticos está ligada ao estudo da dramaturgia como estrutura e mediação no campo das artes performativas no final do século passado e nestes primeiros anos do século XXI.

---

<sup>9</sup>The fact that the media take on an artistic function is not only tied to the revolution of mass <sup>16</sup> media at the end of the nineteenth century, but it is also the result of a self-reflective consciousness of media use. And that starts to appear in literary production from the 1970s onward and becomes more evident in the 1980s and 1990s - a development that correlates with the progressing hybridization of culture, characterized through media penetrability rather than media difference. (tradução da autora)

O surgimento da digitalização como um novo meio para o estabelecimento do campo estético da teatralidade, a partir de suas diferentes camadas de materialidade, possibilita a formação de estruturas multimídia que brincam com a posição dos corpos diante dessas experiências performáticas. A ligação e a posição dessa medialidade serão o que determinará, em grande medida, a estética performativa da referida obra, a forma concreta em que os espectadores interagem, participam e organizam essas dramaturgias. Assim, a forma e a mediação tornam-se focais, pois já não são tidas como certas, como acontecia no cânone dramático ou cinematográfico, onde a mediação desaparece, mas torna-se evidente e posicionada como parte da autorreflexão das próprias obras. Assim, a hipermediação e a remediação seriam formas mediais que, sem dúvida, serão vistas em muitas dramaturgias maquinais onde a hibridização e a transmediação constroem possibilidades flutuantes e vinculativas de materiais, tanto fora da experiência digital como dentro dela.

Essa diferença se soma aos esforços de pesquisa sobre dramaturgia e mediação de autores como Robin Nelson que descreve sua posição da seguinte forma:

*“A través de la historia de las artes y las mediaciones, diferentes disciplinas o artes han trabajado juntas en un rango de combinaciones. El teatro griego y el teatro jacobino, por ejemplo, amalgamaron diferentes combinaciones de palabras, visuales, sonidos y movimiento. Algunas aproximaciones recientes a la intermediación continua considerando la diferenciación entre formas de arte y cómo éstas se relacionan entre sí, o como son trasladadas una en otra.”* (2010, p. 15)<sup>10</sup>

Neste sentido, dentro da investigação da intermediação, da transmediação encontramos a diferenciação do hipermedial e da remediação. Como mencionei nos parágrafos anteriores, a remediação, que tenta vincular as mídias antigas às novas, e vice-versa, e a hipermediação, que faz aparecer o cruzamento de materiais e linguagens no sentido das formas e formatos em que esses cruzamentos se materializam seriam formas midiáticas pelas quais as dramaturgias maquinais poderiam se posicionar contra a ilusão de transparência da criação digital.

Esta posição estético-política está ligada à concepção do corpo como enxerto e extenso, como expressão para além de uma forma determinada. Abrir o campo da digitalidade para a experiência crítica

---

<sup>10</sup> Throughout the history of the arts and media, different disciplines or arts have worked together in a range of combinations. Greek theatre and the Jacobean mas- que, for example, brought together different combinations of words, visuals, sounds and movement. Some recent approaches to intermediality continue to consider the distinctiveness of art forms and how they might relate to each other or be transposed one to the other. (tradução da autora)

de materialidades diversas é essencial para quebrar mecanismos que tentam criar uma coerência única de fatos, conceitos e narrativas.

As estruturas para gerar dramaturgias maquinais como jogos de experiência trans mídia são variadas e possíveis. Essas dramaturgias levam então em conta a possibilidade de repensar o corpo a partir de um lugar menos delimitado, mais poético e pós-materializado. Esta relação entre corpo e máquina, entre possibilidade escritural e dramaturgia maquinal, leva-nos a investigar materialidades e conjunções flutuantes que abrem o jogo ao receptor, onde, como referiu Carnavali, são experiências que permitem ao espectador tornar-se um jogador crítico e reflexivo que recupera seu agenciamento e, portanto, constrói uma percepção de si a partir da referida experiência subjetiva.

A dramaturgia maquinal é uma ferramenta fundamental para compreender o lugar da mediação nessas novas composições artísticas virtuais. Colocar os corpos no centro da experiência também é importante, assim como pensar o tempo e o espaço, tão síncronos e assíncronos quanto possível, bem como a postura crítica necessária para gerar artefatos que ocupem um lugar dentro da ecologia midiática e digital como extensões, jogos. devires que se abrem à diferença a partir da posição do corpo e tudo o que isso implica em relação à linguagem com as palavras, a imagem, a ação performativa e aos outros modos de expressão que juntos poderiam construir uma dramaturgia maquinal.

## REFERÊNCIAS

- BAY-CHENG, Sarah; Kattenbelt, Chiel; LAVENDER, Andy & ROBIN, Nelson. *Mapping intermediality in performance*, Amsterdam: Amsterdam University Press, 2010.
- BARBA, Eugenio, *Caballo de plata*. In: *Revista Escénica (Edição Espacial)*. México: UNAM, 1986, p. 20. Disponível em: <https://www.yumpu.com/it/document/view/16233612/eugenio-barba-caballo-de-plata-seminario-teatro-e-storia>
- BERARDI, Franco. *Fenomenología del fin: sensibilidad y mutación conectiva*. Buenos Aires: Caja Negra, 2017.
- BOLTER, David Jay; Grusin, Richard. *Inmediatez, hipermediación, remediación*. Trad. Eva Aladro. CIC Cuadernos de Información y Comunicación 2011, vol. 16 29-57. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3746791>
- CARNEVALI, Davide. *Forma Dramática y representación del mundo*. México: Paso de Gato, 2017
- DIÉGUEZ, Ileana. *Escenarios Liminares*. Teatralidad, performance y política. Buenos Aires: Atuel, 2011.
- ECKERSALL, Peter; GREHAN, Helena; SCHEER, Eduardo. *New Media Dramaturgy, Performance, media and new materialism*. Palgrave: Palgrave Macmillan, 2017.
- GROCHALA, Sarah. *The new political play. Rethinking Dramaturgical structure*. Bloomsbury.

London, 2017.

LEEKER, Martina; SCHIPPER, Imanuel; BEYES, Timon (eds.). *Performing the Digital, Performativity and Performance Studies in Digital Cultures*. Bielefeld: transcript, 2017. DOI: <https://doi.org/10.25969/mediarep/1159>.

LEHMANN, Hans Thies. *Teatro posdramático*. México: Paso de Gato, 2013

MARTÍNEZ, Fernanda del Monte. *Dramaturgia maquinal. Artefacto para la creación de experiencias digitales desde la noción expandida de cuerpo*. Tese (Doutorado em Teoria Crítica) - 17, Instituto de Estudios Críticos, Cidade do México, 2023.

MEYER, Urs. *From Intermediality to Transmediality: Cross-Media Transfer in Contemporary German Literature* In: GERNALZICK, Nadja; PIZARS-RAMIREZ, Gabrielle (eds.). *Transmediality and Transculturality*. Memmingen: Universitatverslag Winter Heidelberg, 2013.

SANCHEZ, José Antonio. *Dramaturgia en el campo expandido*, en “Repensar la dramaturgia: errancia y transformación / Rethinking dramaturgo: errancy and transformation”, CENDEAC-Centro Párraga, Murcia. 2011

ZIELINSKI, Siegfried. *Arqueología de los medios*. Trad. Álvaro Moreno-Hoffmann. Bogotá Universidad de los Andes, 2011.